

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CAMILA RIBEIRO DE MATTOS

**PROFESSORAS MARCANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I,
A PARTIR DO LIVRO “UMA PROFESSORA MUITO
MALUQUINHA”, DE ZIRALDO**

Rio de Janeiro
2018

CAMILA RIBEIRO DE MATTOS

**PROFESSORAS MARCANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I, A PARTIR DO
LIVRO “UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA”, DE ZIRALDO**

Projeto de Monografia apresentado ao Curso de Pedagogia da UFRJ, como requisito para a elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Orientadora: Professora Elaine Constant

Rio de Janeiro
2018

CAMILA RIBEIRO DE MATTOS

**PROFESSORAS MARCANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I, A PARTIR DO
LIVRO “UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA”, DE ZIRALDO**

**Relatório final, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte das exigências para a obtenção do título de _____.**

Local, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Elaine Constant

Prof. Reuber Gerbassi Scofano

Prof. Ana Paula

DEDICATÓRIA

Dedico esta Monografia aos seres de luz que me rodeiam, que me apoiaram neste tão importante momento da minha vida. Mais uma etapa se encerra, com muito esforço e aprendizagem.

A todos que acreditam e se dedicam à educação, sem medir esforços para que o conhecimento alcance a TODOS.

AGRADECIMENTOS

À metade do meu CaJu por abraçar com unhas e dentes todas as causas da minha vida. Por colocar juízo na minha cabeça e cuidar de mim todos os dias.

Aos meus pais por insistirem na minha conclusão de curso e por me apoiarem cada um com seu jeitinho diferenciado e único.

À minha vovy por ser a âncora da minha vida e me apoiar em todos os momentos, positivos e negativos. Por sempre encontrar uma solução para qualquer problema. Por estar sempre por perto cheia de amor e carinho para dar. Por ser a pessoa com o coração mais puro desse mundo inteirinho.

Ao meu parceiro de vida e eterno cãopanheiro por trazer meu sorriso de volta ao meu rosto em meio a tantos momentos perturbadores na minha vida. Sigamos juntos.

Às minhas amigas Brenda e Sara por me apoiarem do início ao fim e não me deixarem desistir de concluir um sonho que está virando realidade. Por me fazerem rir em momentos de tristeza, por me acompanharem na cervejinha no final de semana para contar sobre a vida ou até mesmo pra falar nada.

À minha orientadora por toda paciência, dedicação e mais paciência.

EPÍGRAFE

Ando devagar

Porque já tive pressa

E levo esse sorriso

Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte

Mais feliz, quem sabe

Só levo a certeza

De que muito pouco sei

Ou nada sei

Almir Sater - Tocando em frente (1990)

RESUMO

Este trabalho envolve uma reflexão feita a partir do livro “Uma Professora Muito Maluquinha”, de Ziraldo; sendo esta comparada e correlacionada à realidade em sala de aula, relação professora-aluno, os estereótipos de uma “boa professora” e os modos de aprender em contextos educacionais. Discute-se ainda as técnicas de aprendizagem utilizadas em sala de aula que garantem a “adoração” profunda dessas professoras que se tornam marcantes nas vidas de tantas crianças. Como conclusão discute-se que o aprender resulta não só de uma prévia aparência, mas sim do diálogo entre o saber e o conhecer, sendo este diretamente ligado à qualidade da relação entre quem ensina e quem aprende. Argumenta-se ainda as relações presentes neste contexto, favorecendo o processo de aprendizagem, independente da etapa educacional, resultando na identificação dos pares e melhor aproveitamento.

Palavras chave: Professora Maluquinha. Ziraldo. Prática Pedagógica. Ensino Fundamental I.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| I. INTRODUÇÃO | 8 |
| II. UM DIÁLOGO COM ZIRALDO..... | 12 |
| A HISTÓRIA POR TRÁS DO LIVRO..... | 12 |
| III. | |
| DESENVOLVIMENTO..... | 15 |
| UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA | 15 |
| IV. ANÁLISE DE DADOS..... | 29 |
| 4.1. Pré-Análise..... | 29 |
| 4.1.1. Questão 1..... | 31 |
| 4.1.2. Questão 2 | 31 |
| 4.1.3. Questão 3 | 32 |
| 4.1.4. Questão 4 | 32 |
| 4.1.5. Análise de Gráficos | 34 |
| V. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 40 |

INTRODUÇÃO

A ideia desse projeto começou a partir de um sonho enquanto eu dormia profundamente. Sonhei com a capa do livro, detalhes do mesmo, a imagem de uma professora exatamente como foi apresentada e me vi diante de toda aquela situação. Como ainda não conhecia o livro *Uma Professora Muito Maluquinha*, percebi que aquilo havia sido um sinal para eu dar o *start* no meu projeto. Só podia ser o destino mesmo. Sonhar com algo que eu nunca tinha visto na vida e que tinha relação direta com o meu trabalho e com o que penso sobre o processo de aprendizagem dentro da educação.

Comecei a trabalhar com educação infantil enquanto cursava o segundo período da faculdade. Dava aula de inglês para crianças entre 1 ano e meio e 7 anos em duas creches e em um curso de inglês infantil. Depois de dois anos, percebi que precisava conhecer e me envolver de verdade com o espaço escolar e ter uma turma que poderia chamar de minha. Entrei em uma escola particular na Zona Sul do Rio de Janeiro como auxiliar de uma turma de Maternal III. Depois segui como auxiliar na turma de Maternal I. Decidi que precisava conhecer segmentos diferentes e fui vivenciar uma experiência incrível no 4º ano do Ensino Fundamental I na mesma escola onde já trabalhava. Após um ano como auxiliar, assumi uma turma do mesmo ano e segmento e continuei assim por mais dois anos. Fui obrigada a mudar do 4º ano para o 2º ano do Ensino Fundamental I, onde passei somente um ano, pois consegui de volta o 4º ano tão querido e tão bem vivido por mim.

Durante todo esse caminho, trabalhei com diferentes professores de Inglês, Espanhol, Artes, Laboratório de Ciências, Educação Física, Informática, Música, Redação, Português e Matemática. Professores com personalidades, formações, percepções e ideais diferentes. Cada um com sua particularidade diferenciada, tornava cada aula em um momento de análise e aprendizado, positivo ou negativo.

Basta contemplar os olhos amedrontados das crianças e os seus rostos cheios de ansiedade para compreender que a escola lhes traz sofrimento. O meu palpite é que, se se fizer uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo

entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender. (ALVES, Rubem - A Alegria de Ensinar)

Me senti, muitas vezes, incomodada com palavras que eram ditas diretamente para as crianças, com estratégias mal traçadas para se definir um modelo “perfeito” de turma, com ações preconceituosas em relação ao gênero das crianças, com professores acreditando que são o centro de sabedoria e que as crianças não podem contribuir de forma alguma dentro da sala de aula, entre outras questões que me motivaram a escrever esse projeto. “A pessoa da criança é, pois, reconhecida, tanto como a do adulto, que já não se apresenta como um monarca de direito divino e já não teme mostrar que está submetido aos mesmos imperativos universais que ela.” (BERGE, 1967, p.14)

Com toda inquietação sobre o real e verdadeiro sentido da educação, decidi que precisava fazer com que meu sonho conversasse com minha vontade de mostrar para diversos professores que não se faz mais alunos pensantes utilizando o poder do autoritarismo.

Na relação que temos com nossos alunos, há uma nítida assimetria de poder. Nossa experiência de vida e nossos conhecimentos, bem como a responsabilidade em compartilhá-los, nos conferem esse poder de autoridade. Assim como também confere a todo profissional gabaritado em desempenhar sua função, em relação às pessoas que desfrutam de sua competência. Entretanto, na relação professor/aluno, o que temos testemunhado de ambas as partes são eventos em que o professor não é visto e nem se sente autoridade. (VIVALDI, 2014)

E, a partir do momento que esses professores se sentem ameaçados por não serem autoridades dentro de sala de aula, iniciam o processo do autoritarismo, que não é do agrado de nenhuma criança. Com isso, provocam um afastamento dos alunos que leva à garantir uma relação onde não há confiança e nem carinho pela professora. Perde-se, inclusive, o tesão de estudar, de estar presente na escola durante aquelas aulas. “Toda boa escola é um sonho em construção. Se viver é sonhar - como pretendeu Calderón De La Barca, - fazer escola é construir sonhos.” (CARNEIRO, 2002, Quase prefácio) A partir do momento que a criança se depara com professoras autoritárias, esse sonho vira pesadelo e o ambiente que deveria ser propício a novos interesses e investigações

do alunos, torna-se indesejado.

Conversava com vários amigos e amigas sobre a dificuldade de iniciar a escrita da monografia e todos diziam sempre a mesma coisa: “Começar é difícil, mas depois você se envolve e acaba rapidinho.” Pra mim não foi exatamente assim. Demorei mais um ano inteiro para concluir o que hoje chamo de “projeto da minha vida”.

Antes de começar a escrever oficialmente, reuni alguns livros que havia comprado em Portugal e alguns outros que encontrei em algumas bibliotecas e livrarias. Li, marquei páginas e rabisquei frases, muitas frases. Entrei em contato com Ziraldo, o autor do livro analisado em questão, e reuni algumas perguntas para que ele pudesse me auxiliar no processo do primeiro capítulo. A ideia, no início, era realizar uma entrevista com o mesmo a fim de valorizar ainda mais detalhes que não estavam implícitos no livro. Porém, quando entrei em contato com a secretária do Ziraldo, fui informada que o mesmo encontrava-se afastado por ordens médicas por um tempo, mas que me ajudaria por e-mail com menos perguntas do que eu havia preparado.

Finalmente, durante a minha saída da casa dos meus pais, do meu casamento e de tantas outras novidades que moviam a minha vida, concretizei o objetivo do trabalho finalizado.

Trabalho esse que tem como objetivo geral analisar as estratégias utilizadas dentro e fora de sala de aula por essas professoras consideradas marcantes no Ensino Fundamental I. Meu objetivo principal é desenvolver estratégias, a partir da observação de comportamentos de outras professoras, a fim de me tornar uma professora marcante positivamente. “Que eu venho fazer aqui? E que vêm fazer eles, eles todos e cada um por seu lado? Que eu espero deles? Que esperam de mim?” (GUSDORF) Como objetivo específico visa: i) identificar as principais características dessas professoras consideradas tão marcantes, ii) questionar alunos do último ano do Ensino Fundamental I para buscar compreender de que maneira, para eles, uma professora se torna tão especial, iii) pesquisar e compreender os métodos adotados dentro de sala de aula que atijam a curiosidade dos alunos e despertam o interesse pelos conteúdos adotados, iv) diferenciar as didáticas desenvolvidas em sala de aula de diferentes

professoras. Os principais referenciais teóricos deste estudo são: ZIRALDO, GUSDORF, ROBIN e CARNEIRO. O estudo pretende relacionar as diferentes características de professoras que são consideradas marcantes durante o Ensino Fundamental I e a relação de aprendizado de seus respectivos alunos com uma pesquisa de campo que busca responder às questões expostas durante o ensaio. Desta forma, a monografia apresenta as seguintes etapas: primeiro capítulo discursivo sobre a relação do autor com a própria obra. O segundo capítulo é composto pela análise comparativa da obra e a realidade cotidiana das professoras nas instituições de ensino e o terceiro capítulo apresenta a metodologia, isto é, os aspectos e as etapas de investigação junto aos educandos, bem como a análise dos dados qualitativos da investigação. Por fim, há uma discussão sobre os resultados.

CAPÍTULO I

UM DIÁLOGO COM ZIRALDO

A história por trás do livro

Como mencionado na introdução, Ziraldo foi contactado a fim de esclarecer algumas questões levantadas durante o processo de escrita do projeto. Foram enviadas 4 (quatro) perguntas relacionadas às questões que não foram esclarecidas durante a escrita do livro *Uma Professora Muito Maluquinha* e que, durante o processo de leitura e estudo do mesmo, me causou dúvida e interesse.

Foram elas: 1. Quem foi a professora inspirada? A imagem da mesma foi inspirada em alguém em especial?, 2. Quem são as pessoas citadas na dedicatória?, 3. Quais são os sentidos do diminutivo “professorinha”? e 4. Houve alguma ajuda de professoras para a elaboração da história?

Ziraldo conta, ao responder a primeira pergunta, que teve várias professoras especiais e que todas as professoras no curso primário foram inesquecíveis.

Kate (Catarina Rocha, que me inspirou para criar a Professora Muito Maluquinha), Dona Nini Campos, que me amava e me olhava com ternura com seus olhos de *instalação trocada*; Dona Didi, que se encantava às lágrimas com minhas invenções; Dona Glorinha D’Ávila, que me “descobriu” e foi até ao armazém, onde meu pai trabalhava, para avisar a ele: “Olho neste menino!” (ZIRALDO)

Segundo Ziraldo, professores ele só teve no ginásio. Isso justifica ainda mais a escolha do tema deste projeto a ser analisado no presente momento, tendo em vista que ainda, nos dias atuais, é muito difícil se deparar com professores do sexo masculino lecionando nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Apesar de haver claramente um preconceito com o fato de homens trabalharem e lidarem com crianças pequenas, me senti, em meio a uma onda feminista e com tanta desvalorização da mulher, na obrigação de tentar destacar algumas das habilidades de algumas mulheres e promover uma valorização de uma profissão que, ao longo dos anos, passou a ser tão

ironizada. Toda professora já ouviu de parentes, amigos ou até mesmo de desconhecidos que lidar com criança é fácil demais, que basta dar uma brincadeira para os alunos e eles vão estar entretidos e felizes. Ora, se a nossa carteira de trabalho estivesse assinada como recreador, de fato isso faria todo sentido. Ainda que não concorde que seja um trabalho fácil. Porém é de educador que estamos falando. Garantir a atenção de, pelo menos, 15 (quinze) crianças e explicar algum conteúdo de forma que todos compreendam aquilo, já que serão avaliados em algum momento. O fracasso de alguns alunos também pode ser fracasso da professora de certa forma. Há diversos casos de apenas uma criança fracassar e isso não tira a culpa, de certa maneira, da professora. Cada aluno tem uma particularidade e singularidade. Cabe a nós, educadoras, conseguir compreender e tentar alcançar todos os nossos alunos da melhor maneira possível.

Ziraldo conta que todas as pessoas citadas na dedicatória foram professores dele em algum momento da sua vida. A Dona Kate, inspiração para o livro analisado no presente projeto, é a primeira professora citada na dedicatória. Depois, nessa ordem, ele dedica a obra para Dona Nini Campos, Dona Didi do Ramos, São Roldano, Professor Armando, Sô Freitas (o Desembargador Anaudin Freitas) e Vitor Moreira e Aníbal Bragança.

Os seus resultados serão diferentíssimos se se dum professor respeitado ou dum professor troçado. Os melhores métodos jamais salvarão quem não souber fazer reconhecer a sua autoridade; os métodos mais grosseiros e arcaicos farão maravilhas no caso do professor aceitado e estimado pelos alunos (GUSDORF)

Em muitos momentos do livro *Uma Professora Muito Maluquinha*, Ziraldo usa o diminutivo “professorinha”. Questionei o motivo de utilizar o diminutivo, pois poderia ser analisado e interpretado de forma pejorativa e irônica. Porém ele garante que, ao escrever sobre a professora utilizando esse termo no diminutivo, está escrevendo em forma de carinho, admiração e respeito.

O autor reporta que não houve, propriamente, ajuda de professoras para elaborar a história. “Mas lembrando o que as minhas professoras fizeram por mim, dá para entender, perfeitamente, a criação deste livro-homenagem e a importância do

professor na formação de um indivíduo.” (ZIRALDO)

CAPÍTULO II

DESENVOLVIMENTO

Uma professora muito maluquinha

“Era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação ela entrava pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. Ela era uma professora inimaginável.” (ZIRALDO, 1995, p. 5 a 11)

Ao longo do trecho é possível observar a descrição dos detalhes físicos da professora, sendo estes altamente valorizados desde o início do livro. No entanto, levando esta situação para a ‘vida real’, essa descrição poderia ter sido realizada após uma relação mais aprofundada das crianças com as características da nova professora, durante um ano letivo, por exemplo. Crianças não julgam pela aparência, mas sim pelas atitudes. A professora feia, que foge dos padrões de beleza, vira princesa quando trata seus alunos com carinho e atenção.

O primeiro dia de aula é considerado um dos mais importantes do ano, pois é o primeiro contato entre professora e aluno(s). O que for dito e/ou feito naquele momento julgado tão especial, será marcado pelo resto da vida escolar de cada criança daquela turma. Um sorriso, um elogio, uma censura ou um conselho dado no primeiro dia de aula, poderão marcar o desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo.

Cada um de nós conserva imagens inesquecíveis dos primeiros dias de aula e da lenta odisséia pedagógica a que se deve o desenvolvimento do nosso espírito e, em larga medida, a formação da nossa personalidade. O que nos ensinaram, a matéria desse ensino, perdeu-se. Mas se, adultos, esquecemos o que em crianças aprendemos, o que nunca desaparece é o clima desses dias de colégio(...) (GUSDORF, 1967, p. 7)

Cabe destacar a ideia de que é no Ensino Fundamental I que começam, ou deveriam começar, as maiores responsabilidades das crianças da escola para casa e

da casa para escola. É a partir desse momento que elas dão seus primeiros passos rumo à autonomia, dedicação, desapego e desmame em relação aos pais. Esses, aos olhos das crianças, são considerados deuses onipotentes, oniscientes e onipresentes. “É assim que, frequentemente, nestes princípios de vida, o professor primário intervém para substituir o pai e a mãe na função primacial de testemunha e indicador da Verdade, do Bem e do Belo.” (GUSDORF, 1967, p. 8)

Em algumas atividades a Professora Maluquinha dividia times de acordo com o físico das crianças; louros contra morenos, gordos contra magros e bonitos contra feios. As próprias crianças tinham autonomia de decidir quem caberia em cada grupo de acordo com as suas características. Uma divisão dessas, em uma escola tradicional, seria inadmissível. O *bullying* virou moda. Qualquer citação de características julgadas pela sociedade como algo ruim, é ofensa. As crianças perderam o direito de descrever o outro como ele realmente é. A descrição objetiva de outro ser agora precisa ser minuciosa e delicadamente avaliada antes de qualquer palavra ser dita em alto e bom som. Até que ponto essa dosagem é necessária? Por que dizer que uma criança é gorda é ofensa?

“E era tanto barulho na sala; e era tanto riso e tanta alegria que lá vinha a diretora saber o que estava acontecendo: ”Vocês estão prejudicando as outras classes.” (ZIRALDO, 1995, p.32) Para a Educação tradicional, barulho é sinônimo de bagunça, de desordem, de professora que não é respeitada pela turma e, por consequência, de incapacidade de transmitir o conhecimento para os alunos, que ficam prejudicados em relação ao aprendizado. Nós educadoras temos que ignorar parte dos teóricos da pedagogia, que acreditam que o ensino reduz-se a um monólogo. Não basta que o aluno tenha o livro e o caderno, entre na sala de aula, escute e anote tudo o que a professora tem a dizer. A professora não fala como o livro. São necessárias atividades que mantenham a turma interessada e com vontade de querer sempre mais. É necessário trocar conhecimento, experiência, vivência, sentimento. O bom aluno é rotulado como aquele que repete as lições sem erros. “Os anos de escola passam e esquece-se a regra de três, as datas da história da França e a classificação dos

vertebrados.” (GUSDORF, 1967, p.57). A professora precisa se questionar e questionar seus alunos. Precisa entender qual seu objetivo dentro daquela turma, o que ela quer que aquelas crianças aprendam, o que ela espera deles e o que elas esperam dela. Cada turma é uma turma. Cada criança é uma criança. Cada um com sua particularidade e especificidade. “Resumindo: o dever dos mestres será, não, ensinar à criança o que a interessa, mas interessá-la pelo que se lhe ensina.” (ROBIN, 1967, p.22)

E tinha a Semana do Silêncio. Era quando ela vinha para a classe, abria sobre a mesa um romance água-com-açúcar e ficava lendo o tempo todo. Nós ficávamos muito, muito caladinhos. É que a gente ficava lendo nossas revistinhas, nossos tico-ticos e gibis – já tinha menino lendo até *Tarzan* ou *O Espírito* – além de outras revistas que ela mesma trazia de casa para nos emprestar. Então, de repente, o Padreco batia na porta. Rápido, rápido – sob o comando da professora – a gente dava cambalhotas na carteira para esconder as revistinhas, antes que ele entrasse na sala. (ZIRALDO, 1995, p. 43,44 e 45)

A relação entre professora/aluno deve ir além de ser simplesmente saudável e apenas para assuntos que acontecem dentro da escola. A Professora Maluquinha garantiu uma relação de parceria com seus alunos. Ela ia contra uma regra da escola, que era o uso de gibi (considerado pecado pelo Padreco), mas o objetivo era aprimorar a leitura das crianças. A consequência era alunos interessados cada vez mais pela leitura e escrita, buscando sempre aprimorar seus conhecimentos.

“No dia seguinte, antes da sineta tocar para o início das aulas, nós todos já estávamos amontoados em frente à porta da sala (...) E cada dia líamos com mais rapidez, pois descobrimos que ler era uma alegria.” (ZIRALDO, 1995, p. 36 e 37). A vontade de aprender cada vez mais, cresce gradativamente de acordo com a relação que existe entre professora/aluno. O ensino se faz mais prazeroso quando as atividades são realmente direcionadas às crianças. A professora que planeja sua aula pensando apenas nela, não irá atingir, com sucesso, o que deveria ser tido como meta. “O objetivo fundamental da educação é...desenvolver a mente, torná-la funcional.”¹ As

¹ SHERWOOD, Anderson (1876 - 1941). Romancista e contista americano.

crianças são vistas como máquinas de depósito de informações. A professora entra em sala, vomita vários assuntos que estão escritos no livro e fim, matéria dada. No dia da avaliação não pode haver dúvidas. “As velhas professoras não entendiam nada. Os alunos dela acham melhor ficar na sala de aula do que brincar no recreio.” (ZIRALDO, 1995, p.38) Essas professoras velhas são aquelas que ainda utilizam de técnicas arcaicas para ensinar seus alunos. Técnicas essas que não os atinge com êxito e prazer. Enquanto isso, a professora mais nova, cheia de ideias e vontade de fazer diferente, conquista e atinge seus alunos de tal maneira que eles preferem ficar em sala ao invés de ir para o recreio. De fato há um certo exagero nessa parte, pois recreio é o momento de respirar novos ares, sair um pouco de sala de aula, encontrar outros amigos de outras turmas. Porém há de se entender que a ideia é que quando as aulas são direcionada aos alunos, o ambiente fica mais agradável de se frequentar. E chega a ser tanto que a vontade de sair de dentro é quase nula.

“Ele não dava sossego para a nossa professorinha. Vivia dizendo que ela era muito liberal (...)” (ZIRALDO, 1995, p.47) A professora liberal é taxada negativamente. Professora boa é aquela que ensina o conteúdo para seus alunos da forma tradicional, como livros, cadernos e apostilas prontas. A professora que caminha contra o sistema tradicional, ou seja, trabalha de forma livre e através de projetos, pesquisas, jogos, brincadeiras, entre outras atividades lúdicas, é considerada diferente e não é bem vista pelo restante do corpo docente.

Um dia, ela decidiu que cada capítulo tinha que ser lido por um menino ou uma menina. Então, a qualidade da novela caiu muito. Muito mesmo. A gente ainda lia meio mal e valia vaia, assobios e até tomates e ovos, se houvesse tomates e ovos na sala. (ZIRALDO, 1995, p. 53)

Permitir a ativa e real participação dos alunos, mesmo sabendo que alguns ainda não liam fluentemente fez com que as crianças praticassem cada vez mais e ganhassem força para continuar tentando para que, em uma próxima vez, estivessem lendo melhor. A professora deve acreditar e investir no potencial de seus alunos para que esses confiem em si mesmos e percebam que são valorizados mesmo não tendo suas dificuldades.

“Foi quando ela inventou a Máquina de Ler. (...) E ela dizia: “No dia em que vocês estiverem lendo com a velocidade de um locutor de rádio, eu posso ir embora para casa.”” (ZIRALDO, 1995, p. 54 e 56) É de suma importância que a professora esteja a par das dificuldades e dos conflitos que acontecem entre e com os seus alunos para que crie estratégias de acordo com as necessidades da turma. É comum ver professoras dizendo que já tentaram de tudo com a turma e que realmente não há mais o que ser feito. Precisa-se entender que nós, educadoras, também podemos e devemos mudar nossa postura, nossas técnicas e métodos dentro de sala de aula, nossa forma de olhar, de falar e de agir. Nada se ganha se colocando contra uma turma. Ao contrário, cria-se desconfiança, perde-se parcerias que dificultam o bom relacionamento entre ambos os lados. Nosso objetivo deve ser de dever cumprido diariamente, saber que tocamos aquele aluno de alguma maneira, que ensinamos algo para ele, que, de uma forma ou outra, seremos lembrados positivamente na vida futura daquele cidadão.

É quase certo que ninguém tenha entendido o que está fazendo aí atrás este belo desenho de Vão Gôgo. Já aconteceu antes, há muitos anos atrás: um coleguinha chegou na sala com a revista *O Cruzeiro* aberta no desenho e falou: “Nem meu tio inteligente entendeu. A senhora podia explicar pra gente?” (ZIRALDO, 1995, p. 58)

A relação de confiança é extremamente poderosa para que se tenha um bom relacionamento com a sua turma. A professora permite com que os alunos levem para a escola qualquer tipo de material que lhes causem dúvida em relação à leitura e à compreensão do texto. E faz, a partir disso, um questionamento para que a turma ajude-a a solucionar.

A escola sem paredes poderá vir a existir. Quando isso acontecer, ela será do tamanho dos sonhos de cada um de nós. Os alunos sonham com ela. Com uma gestão participativa, com um currículo flexível, com uma sala de aula onde cabe a vida, com uma avaliação que leva em consideração os interesses dos alunos. Por isso é que se diz: a escola sem paredes não parece escola, não: tem vida, tem alegria, tem boa pedagogia. (CARNEIRO, 2002, Quase prefácio)

A partir desse primeiro momento, as crianças já se sentem confortáveis e à vontade de levar, principalmente suas dúvidas para a sala de aula, aumentando assim, seus

conhecimentos tanto de leitura e escrita quanto de assuntos que podem, muitas vezes, não estar conectados com o conteúdo que foi ou será abordado no ambiente escolar. A forma da professora lidar com esses assuntos que fogem do processo da rotina do planejamento das aulas, possibilita maior engajamento de leitura, escrita, pesquisa e dedicação das crianças.

Confiança é uma relação de amizade sem perder o respeito pelo outro, entendendo o papel de cada um dentro da escola. A confiança aproxima e garante um respeito cada vez maior. Não há alegria maior, para os alunos, que poder contar com e sobre sua vida pessoal para a professora. Essa lhe garante alívio, conforto e liberdade para se expressar como e sobre o que for necessário.

“Não é que ela soubesse tudo. Não sabia.” (ZIRALDO, 1995, p.60). A professora não pode ser julgada e entendida, pelos alunos, como o único ser dotado de saber e, muito menos, de todo saber. Nós, professoras, estamos em constante aprendizado, abertas a toda forma de conhecimento. Estudamos e aprendemos diariamente dentro e fora de sala de aula com os nossos alunos. Quando os alunos sabem dessa informação, percebem que eles também podem ensinar a professora de alguma maneira, se tornam cada vez mais agentes participativos e deixam de lado a postura de ouvinte mecanizado, que é aquele que apenas escuta o que a professora fala e copia o que ela manda, garantindo, assim, boas notas. “Mas o mestre, se lhe cabe despertar o discípulo, não poderia criá-lo a partir do nada. Ele faz passar ao ato, à consciência, possibilidades adormecidas.” (GUSDORF, 1967, p.240)

“Durante semanas a gente só falou do filme. (...) Ela falou sobre romanos, sobre deuses egípcios, sobre pirâmides e serpentes.” (ZIRALDO, 1995, p.64 e 65).

E tanto se falou de História Antiga, dos tempos de antes de Cristo, de romanos e de gregos, de egípcios e de princesas que, um dia, a Ana perguntou: “Professora, onde é que a gente pode ler *mais* sobre isto?” (Meu Deus, como você era metida, Ana Maria!) Mas a pergunta da Ana valeu: o rosto da professorinha iluminou-se mais ainda. E, como um anjo que era, ela saiu voando pela sala, tomou a Ana nos braços e começaram a dançar. E ela cantava uma canção inventada na hora e que dizia assim: “Era tudo o que eu queria ouvir... tudo o que eu queria ouvir!” (ZIRALDO, 1995, p.66 e 67)

“Para o homem de valor à procura de si próprio, o mestre é portanto o intercessor necessário dos anos de aprendizagem. O seu papel parece imenso, mas limitado; ele é um meio, e não um fim.” (GUSDORF, 1967, p.195)Essa é a professora que acredita e valoriza seus alunos pelo interesse que eles apresentam diariamente. Professora que não é estereotipada, professora que trabalha fora do rótulo do que é taxado como o comportamento ideal. O objetivo de ensinar uma criança é dar a ela a possibilidade de progredir sem um professor.²

Trazer para dentro de sala de aula materiais que vão além de livros, cadernos e apostilas é essencial. O objetivo da professora/escola que trabalha apenas com o material tradicional que é oferecido no início do ano é formar uma criança que não seja capaz de questionar, uma criança sem opinião; alguém que apenas reproduza o que lhe é transmitido. Professora que não enxerga fora da caixinha, forma alunos enquadrados no padrão tradicional, crianças que não têm acesso à infinitas possibilidades encontradas no mundo inteiro, incapazes de questionar, analisar, pesquisar e observar. Padrão esse que tem como único objetivo a garantia de um bom resultado na prova do ENEM.

Fala-se e acredita-se tanto sobre trabalhar de forma lúdica com as crianças sem se apegar à formas tradicionais. Porém, quando trata-se de uma escola tradicional de classe média alta, em que os pais estão pagando caro com o único objetivo de ver seus filhos em uma boa universidade, esse trabalho se torna cada vez mais difícil. Não há tempo que permita trazer atividades inovadoras, projetos brilhantes e possibilidades fora da caixinha para dentro da sala de aula. Há um planejamento, a ser cumprido por bimestre, que envolve ensinar o conteúdo abordado no livro adotado pela escola. Além disso, é nosso dever preencher o caderno com informações que dialogam com o conteúdo do livro e fazer com que as crianças copiem longos exercícios do quadro. O objetivo? Mostrar para os pais que seus filhos estão sendo doutrinados a escrever da forma que o ENEM melhor avalia seus concorrentes.

Essas crianças não passam de bonecos de marionetes que são manipulados

² HUBBARD, Elbert (1856 - 1915). Escritor e filósofo americano.

por professoras que, muitas vezes, são contra esse sistema, mas precisam realizar o trabalho que a escola acredita ser o melhor para seus alunos. Falta simplicidade, falta percepção, falta cuidado ao olhar individualmente para cada criança e perceber a necessidade de cada um. Não se pode ensinar nada a um homem; você pode apenas ajudá-lo a encontrar aquilo dentro de si mesmo.³

Seu olhar, sempre que olhava a gente, parecia veludo na pele ou um pêssago na mão. Havia dias, porém, em que ela chegava na sala com um bico maior do que o de um tucano. Então, seus olhos ficavam perdidos no ar e, muitas vezes, seu olhar, como uma flecha, atravessava o peito de um de nós e seguia em frente, dirigido a lugar nenhum. (...) Uns poucos dias depois – e sem muitas explicações a dar – ela deixava seu quartinho de tristezas e, como uma heroína de história em quadrinhos, voltava luminosa para a sala. (...) A sala, então, virava primavera e a turma voltava a cantar e a saudar com tal ardor o seu retorno que era preciso a intervenção da diretora, que abria a porta da sala, de repente, e gritava para dentro: “Vamos parar com essa felicidade aí!” (ZIRALDO, 1995, p.69, 73 e 75)

Há uma forte teoria de que professora deve estar sempre sorrindo, de bom humor, porém nós também passamos por dias ruins. Dias que não queremos conversar muito, que não há animação para brincadeiras e é imprescindível que os problemas pessoais sejam deixados fora da escola e vice-versa. Fato que raramente acontece. Sonhamos com os choros, os testes e provas, as perguntas em sala de aula, as gargalhadas, o carinho e o amor oferecidos pelos melhores do mundo: nossos alunos!⁴

O barulho “fora do normal” feito em sala de aula é estereotipado como um sério problema que envolve bagunça, desordem, falta de respeito, desorganização e falta de controle por parte da professora. Saber que há uma turma que é feliz em estar dentro de sala de aula durante um período de 5 horas incomoda àquelas que são contra esse comportamento e que, certamente, utilizam uma política de ditadura massante dentro de suas salas de aula.

Numa certa reunião de professoras, ela fez um discurso. “O homem nasce com visão, audição, olfato, tato e gustação. Mas não nasce completo. Falta a ele a capacidade de ler e escrever como quem fala e escuta. É a professora que – como um Deus – acrescenta ao homem este **sentido** que o completa! Tenho dito!” Foi um escândalo! “Uma

³ GALILEI, Galileu (1564 - 1642). Físico e astrônomo italiano.

⁴ MATTOS, Camila (1990 -). Eterna estudante de educação, durante discurso de oradora de formatura.

herege!” “Ela está se comparando a Deus???” “Pode ficar perigosa!” “Precisamos interná-la urgente.” “Muito maluquinha!” (ZIRALDO, 1995, p.76 e 77)

A comparação de uma professora com Deus é uma questão extremamente desafiadora dentro de uma escola católica. Porém, a ideia é justificar sua tamanha importância diante do ambiente escolar, assim como a importância de Deus em relação ao próprio ser humano. Precisamos levantar a cabeça, questionar e nos posicionar diante de pais, coordenação e direção. É necessário acreditar no trabalho que realizamos diariamente dentro de sala, pois a cada atividade que criamos e executamos, há um objetivo a ser cumprido. Objetivo esse que vai depender da demanda de cada turma. E parte daí toda crítica, pois somos julgadas pelas, quem sabe até poucas, experiências vividas por pessoas que ocupam um cargo maior que o nosso; coordenadoras e até diretoras que pouco ou nunca vivenciaram a experiência de estar dentro de uma sala de aula com a expectativa de, em média, 50 pais aflitos em garantir a boa aprendizagem de seus filhos.

Então, passou a ter concurso todas as semanas. Os mais estranhos junto com os mais normais: a melhor redação, a voz mais grossa, o melhor desenhista, a melhor *mão* para plantar flor, o melhor cantor, o mais engraçado, o que tinha a melhor memória... Só agora percebemos que, primeiro, ela descobria uma qualidade destacável de um de nós e aí, então, inventava o concurso, segura de quem seria o vencedor. No fim do ano, todo mundo tinha ganho uma medalha. O último, parece, ganhou o primeiro lugar em cuspe a distância. (ZIRALDO, 1995, p.82 e 83)

É imprescindível o olhar atencioso e detalhado da professora para com a sua turma. Atenção e cuidado com cada ser que ocupa aquele espaço, pois, por mais que tenham a mesma idade, façam parte da mesma classe social e tenham aos mesmos lugares e informações, cada criança tem necessidades e habilidades diferentes. Nós ganhamos a vida com o que recebemos, mas fazemos a vida com aquilo que damos.⁵ Cada aluno vai demandar a presença da sua professora de uma maneira. Cabe a nós, professoras, analisarmos e entendermos o que se passa na vida de cada um deles para que suas habilidades sejam valorizadas no momento certo (quem sabe do início

⁵ CHURCHILL, Winston (1874 - 1965). Primeiro-ministro britânico.

ao fim do ano), independente desta estar relacionada ao ambiente escolar ou não.

E houve a visita das preocupadas mães dos cinco mosqueteiros: “E os deveres de casa?” Não tinha, e ela explicou: “Seus filhos têm mais é que ler e escrever como o Rui Barbora e fazer as quatro operações como uma maquininha registradora. Depois disso, eles vão aprender tudo num átimo.” As mães aceitaram essa ideia, mas os pais – que pagavam os livros, os lápis, os cadernos – não aceitaram de jeito nenhum: “Queremos deveres de casa!” Então ela inventou deveres que deixavam as famílias todas mais maluquinhas do que ela. “**Pai! Temos** que descobrir qual é a maior palavra que o senhor conhece!” “**Mãe!!!** Junta o pessoal todo aqui de casa para ajudar! **Precisamos** achar o máximo de palavras terminadas em ar... que não sejam verbos.” **Pessoal! Vamos ter** que descobrir no mapa-mundi onde fica um país chamado Kubakalan.” E ela continuou inventando deveres para casa neste estilo. E tinha notas para todo mundo. Nestes três casos, por exemplo, foi assim: quem trouxe o maior número de rimas ou a palavra maior ganhou dez. Os outros todos – que fizeram o dever direitinho – ganharam nove e meio. “Nota pelo esforço, claro”, ela explicava. Quando à Kubakalan, todo mundo ganhou dez. Kubakalan não existe. Quando perguntavam pra ela por que ela não dava zero, ela explicava, cheia de lógica: “Zero não existe”. (ZIRALDO, 1995, p. 84 a 89)

Há um grande embate dentro das escolas tradicionais particulares de classe média alta, tendo em vista que é dito que se as crianças não estão afim de aprender, tudo bem. Acontece que, em contrapartida, há pais que pagam caro pela escola para que as professoras eduquem seus filhos da melhor forma possível. Os pais estão utilizando as escolas como um depósito de crianças. Se pudessem, largariam os filhos o dia inteiro para que outras pessoas se responsabilizassem pela educação das crianças. A educação é importante demais para ser deixada apenas nas mãos dos educadores.⁶ Se, ao menos, toda essa preocupação com a crianças se estendesse dentro de casa, além de somente na escola, teríamos um ganho enorme de crescimento e amadurecimento dos alunos. A relação entre escola e família faz toda a diferença na aprendizagem das crianças.

O papel do pai, na escola particular, é confundido com cobranças diretamente ligadas ao financeiro. Inclusive o livro analisado comete uma grave machismo, apesar da época em que foi escrito, ao colocar os pais (figura masculina) como os que pagam

⁶ KEPPEL, Francis (1916 - 1990). Comissário de Educação do governo dos Estados Unidos (1962 - 1965).

os materiais dos filhos. Esses são apresentados como os que estão preocupados com a aprendizagem dos filhos, mas, ao mesmo tempo, ainda presos nos métodos tradicionais. Super valorizam o dever de casa como se fosse o único método de fixação do que foi explicado em sala de aula. A partir do momento em que não é passado um dever para ser feito em casa, os pais passam a acreditar que aquele dia não foi produtivo e que não houve conteúdo. Por optarem pelo método tradicional de ensino, justificam o fato de estarem pagando a escola e, por isso, poder mandar nos recursos escolhidos pela profissional da educação que estudou por anos antes de colocar em prática todo seu aprendizado.

Nesse caso analisado, a professora decidiu jogar o jogo dos pais e, de certa forma, deixá-los bem ocupados com os tão esperados deveres de casa. A criança da alfabetização ainda não é 100% autônoma para realizar pesquisas sem o suporte dos responsáveis. Por isso, ao sugerir deveres de casa que necessitam de uma parceria, a professora coloca os pais em uma posição um tanto quanto complicada, pois eles querem que os filhos se ocupem quando chegam em casa, mas, ao mesmo tempo, não querem participar do processo de aprendizagem. Para esses pais, basta saber que os filhos estão realizando alguma atividade e não estão brincando o resto do dia. Segundo CIPRIANO, “expressões tais como “isto não é brincadeira”, “acabou a brincadeira, agora vamos trabalhar” não fazem sentido, devido desqualificarem a atividade de brincar, como se ela fosse absolutamente leviana e superficial(...)” A brincadeira é vista como perda de tempo, como algo que só pode ser realizado depois de todas as tarefas serem cumpridas e, a partir do momento em que não há atividade para ser cumprida, a brincadeira é livre assim que a criança chega em casa. Precisamos valorizar o brincar, o lúdico, o momento livre. É a partir deles que as crianças se descobrem, inventam, criam e aprendem muito. “Quando a criança brinca, sua brincadeira tem a profundidade de quem se dedica a construir e cuidar do mundo, o mundo que é significativo para si, na idade e nas circunstâncias metafísico-evolutivas que está atravessando.” (LUCKESI, Cipriano Carlos, 2005 (data de publicação no site - Brincar II: brincar e seriedade))

Antes que o ano terminasse, ela procurou a diretora e falou com segurança: “Com as minhas crianças não vai ser preciso fazer provas.

Todas têm condições de passar de ano.” A diretora achou que, agora, ela estava maluca de vez. (ZIRALDO, 1995, p. 93)

O final do ano é uma tensão para muitas crianças e famílias desde a alfabetização. As crianças são doutrinadas a entender que, sem uma boa nota, ela ficará estagnada no mesmo ano enquanto seus amigos passam de ano. Muitas vezes a criança precisa ser retida no mesmo ano, pois não tem maturidade suficiente ou não conseguiu adquirir os conhecimentos necessário para ir para o ano seguinte. Porém, nas escolas de linha tradicional, esse conhecimentos apenas são julgados por meio de testes e provas, bem como outras diversas avaliações que necessitam de um estudo prévio. Há casos, inclusive, em que critérios como comportamento, autonomia, respeito, deveres de casa e de sala feitos pela criança também são avaliados e essas notas são adicionadas à tantas outras que vão julgar o sucesso da criança.

A partir do momento em que se percebe que a criança está tendo algum tipo de dificuldade em relação aos critérios citados acima, o papel da professora é entrar em contato com a família para que essa seja sinalizada desde o início e possam trabalhar em equipe para entender os motivos da criança estar agindo de certa maneira que não agrada um dos lados. O grande problema é que a professora de escola particular não pode resolver questões como essa sozinha. Ela precisa da permissão da coordenação e direção, o que, muitas vezes, é o motivo de haver a falta de comunicação entre casa e escola. Se os pais não recebem reclamação do filho, pressupõe-se que, na escola, tudo caminha na mais perfeita ordem e que não há nada que a criança precise mudar. Há reuniões em que as professoras são obrigadas a mentir para os pais, fingir que a criança está assimilando todos os conhecimentos transmitidos, sem nenhuma questão de relacionamento ou mesmo trazidas de casa, como querer fazer tudo o que quer e no seu tempo. Os pais saem dessas reuniões realizados, como se a escola fizesse milagre e eles não precisassem mais se preocupar com os próprios filhos. Isso acontece, porque as escolas têm medo de perder seus alunos. A concorrência está cada vez maior. É uma pena que as escolas que concorrem entre si sigam a mesma linha e que os pais apenas valorizem essas que garantem os melhores lugares no

ENEM.

Quando as aulas começaram, no ano seguinte, não era ela que estava sentada na cadeira, atrás da mesa, sobre o estrado, diante do quadro-negro. Era uma doce senhora de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão. Logo no primeiro dia de aula, a turma ficou toda de castigo. A professora havia apanhado um menino lendo um livro de histórias em plena aula e resolveu olhar embaixo da carteira de cada um. E encontrou o seguinte: um Almanaque do Globo Juvenil, o Juca e Chico, A Formiga da Perninha Gelada, o Cazuzo, As Aventuras do Calunga, o volume 3 do Tesouro da Juventude, marcado no Livro dos Porquês, (...) Ruth e Alberto Resolveram ser Turistas, João Bola no Rio e Como Foi Isso?, da Editora Cristo-Rei. (ZIRALDO, 1995, p.98)

“(...) ao longo de toda vida, o homem guardará uma saudade fiel dos seus primeiros professores.” (GUSDORF, 1967, p.9). A professora marcante é aquela que deixa uma herança para o resto da vida da sua turma. Não sou um professor; apenas um companheiro de viagem a quem você perguntou o caminho. Eu apontei adiante - adiante de você e de mim mesmo.⁷ O prazer pela leitura foi estimulado ao longo de um ano inteiro através de atividades dinâmicas propostas pela professora. Atividades que não agradavam a direção e as outras professoras, mas que garantiram um desempenho espetacular de todos os alunos, que foram valorizados do início ao fim do ano. E provavelmente essas crianças nunca mais terão, pelo menos nessa escola, uma professora como a Maluquinha. “(...) é a relação do discípulo com o mestre que lhe revelou o sentido da vida e o orientou, não apenas na atividade profissional, mas na descoberta das certezas fundamentais.” (GUSDORF, 1967, p.10)

Tivemos todos que ficar depois da aula e escrever cem vezes, cada um, a frase: “Prometo prestar atenção nas lições e não ficar me distraído na hora da aula”. Ela mandou o regente tomar conta da turma e foi lanchar. Quando voltou, meia hora depois, nós todos já tínhamos ido para casa. Ela ficou uma fera com o regente: “Por que você liberou a turma?” “Porque eles fizeram todas as cópias.” “Impossível! Quem fez por eles? Você?” “Eu, como? Eu nem sei ler.” E quem é que ia fazer três mil e trezentas cópias de uma frase em menos de meia hora senão trinta e três meninos e meninas que sabiam ler como gente grande? (ZIRALDO, 1995, p.100)

A repetição de escrita é associada a castigos. A ideia era fazer com que todos

⁷ SHAW, Bernard George (1856 - 1950). Dramaturgo, crítico e escritor inglês.

ficassem por horas dentro de uma sala fazendo cópias indesejáveis. Porém, como a leitura e a escrita foram trabalhadas incessantemente no ano anterior com a professora que era vista como louca, as crianças tiraram de letra a atividade e o que era para ser um castigo, foi apenas mais uma atividade de escrita.

Até hoje há, nas escolas, o trabalho de repetição em algumas turmas. As crianças são forçadas a escrever, no caderno, três vezes a palavra que erraram durante a cópia. Isso acontece, porque a escola parte do princípio de que, se a criança só precisa ter o trabalho de olhar para o quadro e reproduzir no caderno o que a professora escreveu, ela não tem o direito de cometer erro. Ainda garantem que, com copiando três vezes essas palavras, nunca mais irão escrever de forma errada. Ledo engano. Nós, adultos de diferentes áreas e até professoras, pesquisamos em dicionários quando temos dúvida sobre a escrita de alguma palavra. Como podemos garantir que através de um processo pré-histórico as crianças nunca mais irão cometer erro ao escrever?

Principalmente durante testes e provas, quando as crianças ficam mais nervosas por conta da pressão social sobre a nota, é o momento em que os alunos cometem os maiores números de erros. Mas não porque não sabem como escrever aquelas palavras, e sim pelo psicológico afetado pela cobrança diária de casa e da própria professora que concorda com o sistema. Em suma, talvez o resultado mais valioso da educação seja a habilidade que dá à pessoa de fazer o que tem que ser feito, quando é preciso, querendo ou não.⁸

⁸ BAGEHOT, Walter (1826 - 1877). Economista, ensaísta e crítico inglês.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS

4.1. Pré-análise

Um questionário foi realizado com 20 estudantes, entre 10 e 11 anos, do 5º ano do Ensino Fundamental I de uma escola particular tradicional na Gávea, Rio de Janeiro. A grande de professores da turmas de 4º e 5º anos é um pouco diferente dos outros anos, pois apresenta professores especialistas de Matemática e de Português, enquanto a professora regente, além de responsável pela turma, dá aula de Ciências, História, Geografia e Redação. Esse questionário apresenta 4 (quatro) questões discursivas, sendo elas: “1. O que é uma professora “boa” pra você?”, “2. Como seria uma aula “perfeita” para você?”, “3. Que atividades fazem você aprender melhor?” e “4. Cite professoras marcantes e por que são consideradas tão importantes.”

Foram escolhidos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, pois é o último ano antes de ingressarem em uma nova etapa da escola, o Ensino Fundamental II, em que terão um professor para cada matéria, diferente da situação atual dos mesmos. Sendo o último estágio do Ensino Fundamental I, todos tiveram contato com um grande número de professoras para avaliar os seus trabalhos a partir das perguntas presentes no questionário.

O grande e principal objetivo deste questionário é tentar compreender o olhar dos alunos para com as professoras. É descobrir as expectativas dos alunos sobre as mesmas, é garantir que o conteúdo seja transmitido da melhor maneira possível para que todos consigam compreender e assimilar os assuntos.

A expectativa era grande em relação às respostas dos alunos, porém o resultado foi a par do esperado, apesar de algumas respostas terem atingido um nível superior do que havia sido imaginado por mim. Para que essa questão seja explicada de forma mais clara, o ideal é que se haja uma leitura da situação por completo. Grande parte da turma em questão foi minha ano passado. Já era um grupo bastante

agitado e com a entrada de alguns outros alunos que eram de outra turma no ano passado, ficou ainda mais cheia e, conseqüentemente, com mais energia acumulada dentro de um retângulo que chamamos de sala de aula. A turma, no geral, apresenta intensos conflitos de relacionamento com os professores desde o início do ano e sabem que terão que lidar com eles até o último dia de aula. Em uma reunião, com a equipe de 4º e 5º anos reunida, no início do ano, esses professores questionaram de que forma havia conseguido garantir a parceria e confiança dos alunos.

Os pontos principais dessa conquista foram dar espaço para eles dialogarem, deixar que eles opinassem sobre possíveis aulas ou atividades, sugerir que eles assumissem o lugar de professores e dessem aulas para os colegas de turma, se envolvessem em projetos diferentes a partir do conteúdo que deveria ser estudado (de acordo com o cronograma proposto pela própria escola), garantir o espaço aberto para sugestões e questionamentos sobre nosso dia a dia e, principalmente, permitir com que eles pudessem “sair da caixinha” sem desviar o objetivo da escola tradicional conteudista, que é garantir que eles aprendam o conteúdo abordado nos livros didáticos.

Definitivamente foi o ano mais difícil e também o mais gratificante dentro da minha trajetória enquanto professora. Difícil, porque diante de um cenário tão tradicional e conteudista, como já mencionado acima, o tempo voa e as atividades diversificadas precisam ficar sempre para o fim. Quem nunca ouviu a famosa frase “Primeiro o trabalho, depois a diversão!”? Sabe-se que o objetivo de uma escola com as características citadas acima é justamente transmitir um conteúdo, fazer com que a criança entenda, ou apenas decore mesmo, e garantir um bom resultado nas avaliações já pensando na prova do ENEM. Essa teoria, de fato, funciona com algumas turmas. Com outras, entretanto, definitivamente não. Dessa forma, a professora tem duas opções: entrar em um embate com a turma se apropriando de um autoritarismo ou realizar o papel de autoridade e garantir um bom relacionamento com os alunos.

Sendo o poder um elemento comum entre autoridade e autoritarismo, façamos uma única, porém, significativa distinção: uma autoridade tem seu poder legitimado por aqueles que a reconhecem como alguém admirável. Já o autoritarismo é o poder imposto, sem que haja, com

isso, o reconhecimento daquele que é autoritário como alguém de autoridade. Parece confuso, mas é muito coerente: aquele que admiramos é autoridade para nós! Autoridade como ser humano, como profissional, enfim, admiramos quem é, o que faz e como faz! Portanto, autoridade tem a ver com admiração e respeito, não somente com obediência e submissão. Ser autoritário é justamente querer impor aquilo que não é legitimado. (VIVALDI, 2014)

A partir do momento em que a professora entende que ela é o único meio de transmitir informação, aprendizado e conteúdo, ela desenvolve o afastamento, rápido ou não, de seus alunos. Passa a ser taxada como uma pessoa autoritária e deixa de ser uma autoridade respeitada e admirada. Sabe-se das dificuldades dentro do cenário analisado, porém devemos, professoras, acreditar que é possível redirecionar as prioridades de forma que as que são exclusivas da escola não sejam desrespeitadas ou ignoradas.

4.1.1. QUESTÃO 1

A primeira questão respondida pelas crianças foi “O que é uma professora “boa” para você?” De 20 (vinte) respostas, 11 (onze) alunos disseram que ela precisa ser divertida, 10 (dez) responderam que a professora “boa” é aquela que faz jogos e brincadeiras, 8 (oito) escreveram sobre a que transmite o conteúdo de forma clara e que eles conseguissem compreender, 6 (seis) lembraram o fato de que uma professora não precisa brigar com os alunos para ser autoridade dentro da sala de aula, 4 (quatro) crianças disseram que uma professora “boa” é uma professora legal e que faz atividades diferentes, que fogem do padrão tradicional apenas utilizando livros e cadernos e 1 (uma) criança citou que é a que dá tempo livre, 1 (uma) que ouve o outro com carinho e compreensão, 1 (uma) que é amiga e 1 (uma) que tem paciência com a dificuldade apresentada por cada aluno da turma.

4.1.2. QUESTÃO 2

Quando foi perguntado sobre como seria uma aula “perfeita”, 13 (treze) alunos deixaram claro o prazer que têm em aprender com atividades divertidas, que fogem do

padrão tradicional como quadro, giz, livro e caderno; 3 (três) crianças demonstraram interesse por vídeos, sobre o conteúdo, durante as aulas; 3 (três) relataram o desejo de ter pipoca ou algum tipo de comida durante as aulas; 1 (uma) criança escreveu sobre uma aula com projetor; 1 (uma) com a professora perfeita; 1 (uma) com aula fora da sala de aula; 1 (uma) com uma aula em que juntassem todas as professoras em uma aula só; 1 (uma) faz questão de ter cópias durante as aulas.

4.1.3. QUESTÃO 3

Os alunos do 5º ano também foram questionados sobre as atividades que garantem um melhor aprendizado. A maioria, 15 (quinze) crianças, disse que as brincadeiras são o melhor método de transmitir o conteúdo de forma que aprendam e se divirtam ao mesmo tempo; 5 (cinco) alunos especificaram atividades de revisão de conteúdo como atividade que reforça a memória e, conseqüentemente, possibilita um bom aprendizado; 2 (duas) crianças sugeriram vídeos como forma de memorizar um conteúdo mais facilmente; 2 (duas) preferem cópias no caderno, pois acham que quanto mais escreve-se, mais o conteúdo é absorvido internamente; 1 (uma) criança escreveu sobre atividades de matemática serem as melhores para o seu aprendizado; 1 (uma) escreveu sobre atividades e até a própria aula ser organizada em grupos; 1 (uma) criança garante que aprende melhor através de desenhos, tanto quando a professora desenha no quadro para explicar um conteúdo, quanto quando a proposta de atividade ou dever de casa é que aquele conteúdo que está implícito no livro pode ser transferido, para o caderno, em forma de desenho e esse mesmo poderá ser utilizado como ferramenta de estudo e 1 (uma) criança demonstrou o interesse por comida enquanto estuda.

4.1.4. QUESTÃO 4

Os professores da turma que respondeu ao questionário deixaram claro suas posições perante a turma e defenderam a ideia de que não mudariam seus comportamentos e didática em sala de aula. “Não sou eu que tenho que me adequar a

eles e sim eles precisam entender e respeitar a minha forma de dar aula.” (Professor da turma questionada). Pode-se dizer que esse se enquadra no título de professor autoritário. Foi citado por 7 (sete) alunos na pergunta referente aos professores que mais haviam marcado suas vidas. Dessas 7 (sete) citações, 1 (uma) foi positiva. O aluno referiu-se ao fato do professor jogar os mesmos jogos que eles e poderem trocar informações sobre esses mesmos jogos. 2 (duas) crianças disseram ser um professor “chato”. As demais citações se resumem a: “Não deixa ir ao banheiro.”, “Dá bronca.”, “Faz coisas ruins.”, “Grita muito.”, “Faz esculachos.” e a mais preocupante, “Nunca mais.” A outra professora especialista dessa turma foi citada por 4 (quatro) crianças que disseram: “Se entende com os alunos.” e “Passa a matéria.”

A princípio a professora regente da turma foi bastante relutante em abrir mão de certas didáticas abordadas em sala. Porém se deu conta de que bater de frente com uma turma de 26 (vinte e seis) alunos só levaria ao stress e ao desgaste pessoal e profissional da mesma. Com essa mudança de comportamento, a mesma foi citada por 3 (três) crianças de forma positiva. Foram observadas frases como: “Faz brincadeiras.”, “Libera pra fazer coisas legais.”, “É séria quando precisa.”, “Me sinto em casa com ela.”, “Mostra carinho pela gente.” Apenas 1 (uma) criança questionou o fato dela não liberar para ir ao banheiro. Talvez tenha sido um fato importante na vida daquela criança, mas não acredito que seja algo que faça parte da rotina, ou outras crianças citariam essa questão como um problema.

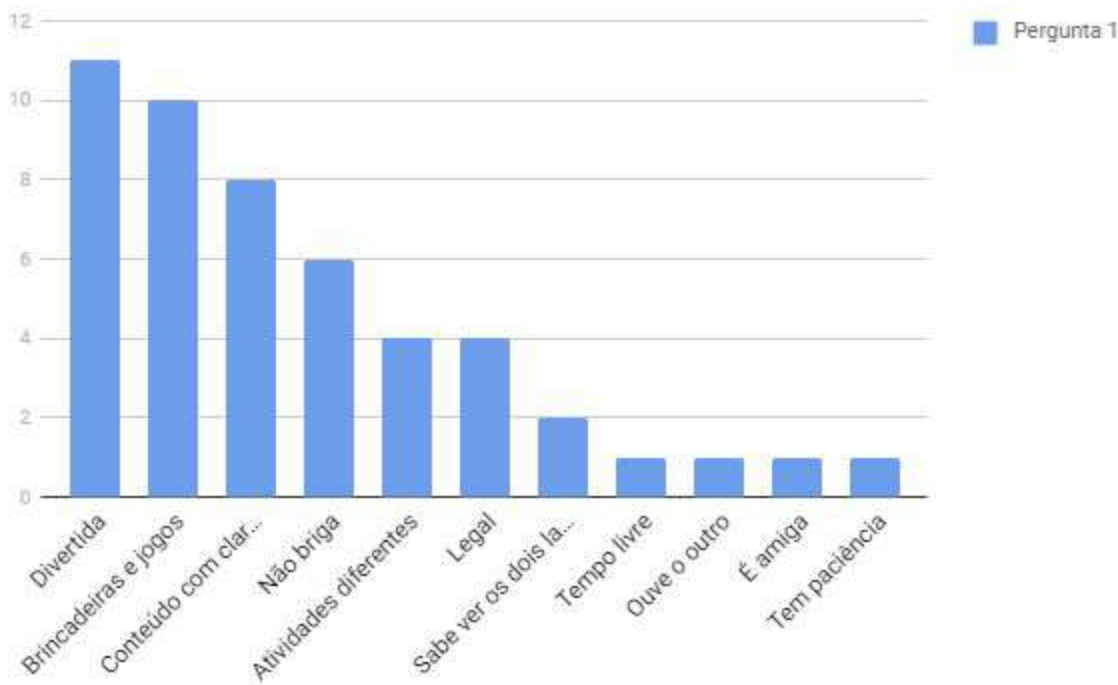
Uma professora de língua estrangeira foi afastada do cargo no meio do ano por insistentes reclamações da turma, bem como dos pais das crianças. Mesmo já não lecionando na escola, foi citada por 1 (uma) criança que disse: “Não fala certo com a gente.” A nova professora que assumiu esse cargo não foi citada. O professor de outra língua estrangeira foi citado por 1 (uma) criança: “Faz brincadeiras.”

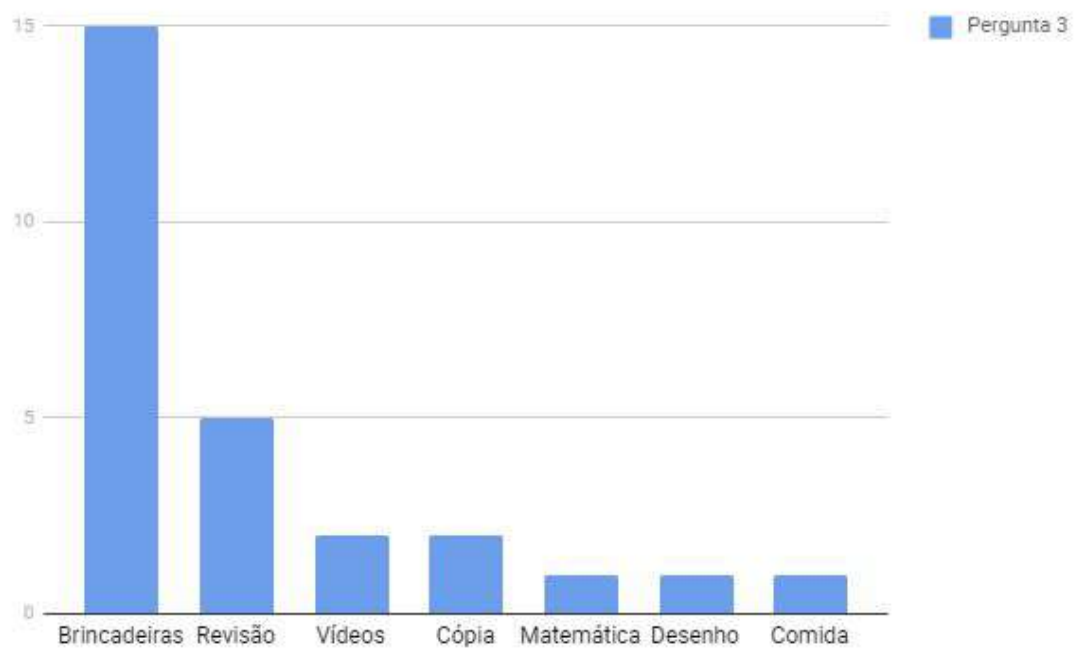
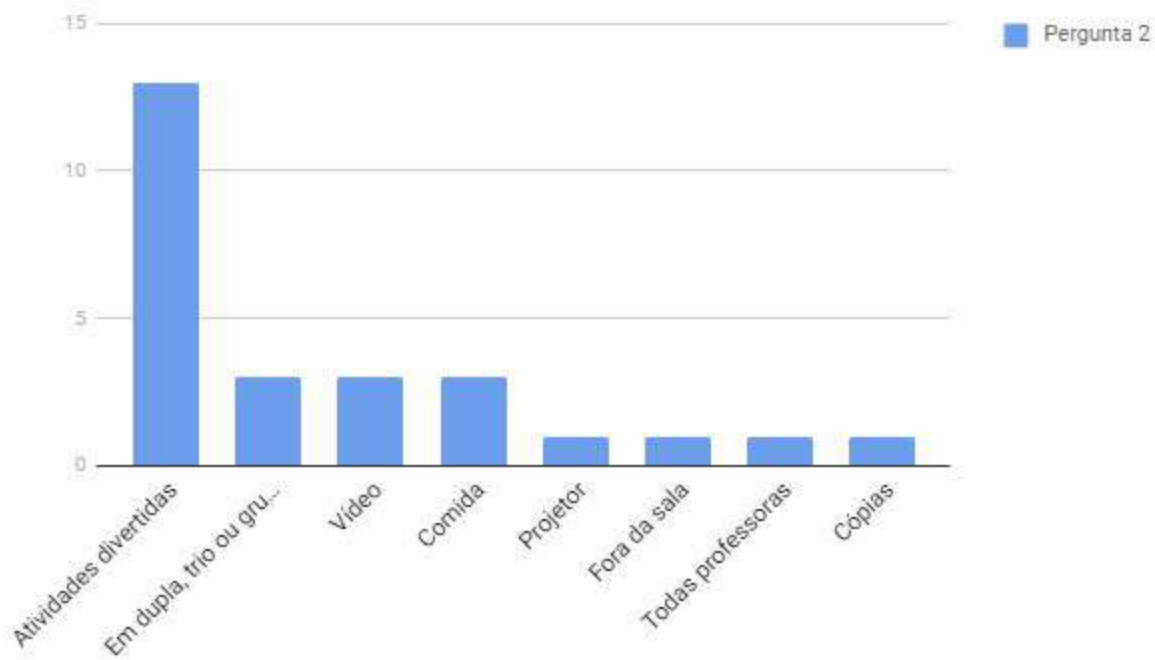
Uma professora especialista do ano anterior foi citada por 1 (uma) criança: “Melhor professora.” Uma professora de língua estrangeira, também do ano anterior, foi citada por 2 (duas) crianças. A professora regente do ano anterior foi citada por 14 (quatorze) crianças. Sobre a mesma constam as informações a seguir: “Me faz

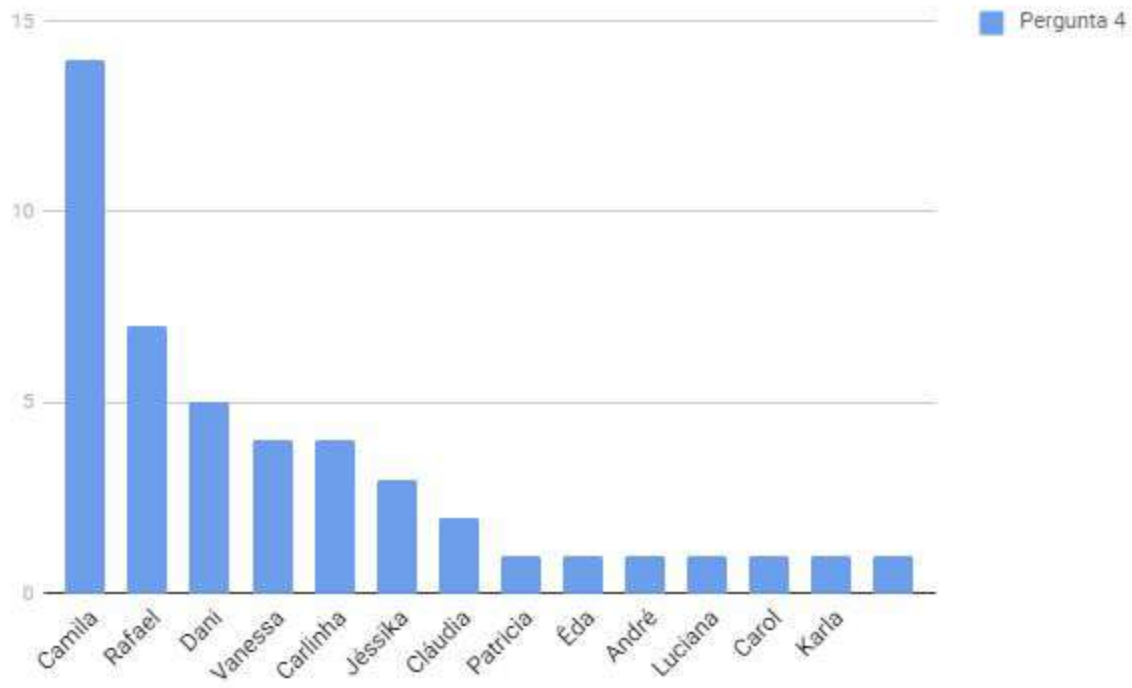
entender.”, “Passa vídeos sobre o conteúdo.”, “Desenha no quadro para explicar a matéria.”, “Coloca música em algumas aulas.”, “Com quem eu mais podia conversar.” Algumas informações foram escritas repetidamente como, “Aulas divertidas.”, “Faz brincadeiras.”, “Melhor professora.” e “Engraçada.” Sobre os anos anteriores ao 4º ano, 6 (seis) professoras foram mencionadas de forma positiva.

Em suma, apenas 1 (um), em 14 (quatorze) citações de professores, foi lembrado de forma negativa. Professor considerado especialista, pois não é formado em Pedagogia, e sim na sua área específica, do sexo masculino e com o pensamento estritamente conteudista, arcaico e retrógrado.

4.1.5. ANÁLISE DE GRÁFICOS







CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós ganhamos a vida com o que recebemos, mas fazemos a vida com aquilo que damos.⁹ Ao longo dessa pesquisa e de toda vivência amadurecida, percebi que a maioria das professoras que muda, para pior, o comportamento em sala de aula, tanto a forma de transmitir o conhecimento, como a forma como se comunica e lida com os alunos, se deve ao fato do comodismo. A profissional que não se interessa por expandir seus conhecimentos e se inteirar sobre os assuntos da atualidade, continuará dando as mesmas aulas e, com o passar do tempo, essas se tornarão desinteressantes e monótonas.

Quando entro,
A escola, pronta
As aulas, prontas
As atividades, prontas
Os programas, prontos
A avaliação, pronta.

Percebo, então
Que um outro está ali
Não eu! (CARNEIRO, 2002, p. 67)

Não podemos julgar essas profissionais. A correria está cada vez maior. Vemos pessoas almoçando dentro do ônibus, correndo desesperadas para não perder a hora, dando cada vez menos atenção para seus filhos em função do trabalho. Quando você está em um emprego em que tudo já lhe é concedido e vive esses dias de correria em que, quando chega em casa só quer descansar e não pensar em nada, você não sente mais a necessidade de reinventar e reciclar. Elas sabem que nenhuma criança é igual, nenhuma turma é igual, mas o tesão de ter que se adaptar em outro ambiente e mudar um pouco sua visão em relação às formas de aprendizado ficam deixadas de lado.

⁹ CHURCHILL, Winston (1874 - 1965). Primeiro-ministro britânico.

Prezo muito para que esse modelo de profissional não me atinja, por mais acomodada que eu possa ficar.

Eu quero
 Uma escola pluriforme
 Sem fôrma que me deforme.

Eu quero
 Uma escola onde o “normal”
 É quem não busca ser igual. (CARNEIRO, 2002, p. 46)

Através de toda trajetória vivida até aqui, pude complementar meus ideais e formar uma opinião ainda mais forte e coerente sobre educação. Aprendi que ser boa professora não se resume ao fato de saber conteúdo, mas sim de ter a sensibilidade de entender cada indivíduo dentro da sala de aula para garantir que sejam atingidos da forma melhor maneira, garantindo assim melhor assimilação daquilo que está sendo ensinado no momento.

Com todos os meus anos vivenciando essa rotina exaustiva, enlouquecedora, desafiadora e, acima de tudo, gratificante que é ser professora, tracei alguns pré-requisitos para não perder a minha identidade, apesar de toda pressão que pais, coordenação e direção fazem em cima de nós. Sigo acreditando que não sou o único ser dentro da sala de aula dotado de toda forma de transmissão de conhecimento.

A escola sem paredes
 Não parece escola, não.
 O professor, comandante,
 É também iniciante. (CARNEIRO, 2002, p. 19)

Sigo confiante de que cada palavra dita ali dentro é dotada de tamanha importância. Nós, professoras, temos um peso inacreditável na vida de cada criança que nos rodeia. Somos importantes demais! Precisamos ouvir isso mais vezes, nos apoiar e nos motivar.

Cada lição ensinada
 É, vida, vivenciada.
 (...)

Cada lição aprendida

É repertório pra vida. (CARNEIRO, 2002, p. 21)

Em suma, que o desejo de motivar e conquistar aqueles seres tão cheios de curiosidade, ansiedade e novidades não se esgote com o passar do tempo. Que sigamos firmes e fortes em nossas trajetórias, pois fomos abençoadas com esse dom que é o de educar. Não sou um professor, apenas um companheiro de viagem a quem você perguntou o caminho. Eu aponteí adiante - adiante de você e de mim mesmo.¹⁰ Que consigamos ver nossos alunos como companheiros de uma incrível jornada de aprendizados de ambos os lados, sem julgar, ofender ou menosprezar. Que sigamos em constante aprendizado. Você ensina melhor aquilo que mais precisa aprender.

¹¹Eu quero ser professor

Que una o criativo

O singular e o coletivo.

Eu quero ser professor

Pra ensinar com ternura

Pois aula não é tortura.

Eu quero ser professor

Que acolhe com prazer

Todos que querem saber.

Eu quero ser professor

Pra tornar o erro semente:

Plantar e seguir em frente. (CARNEIRO, 2002, p. 61 e 62)

¹⁰ SHAW, Bernard George (1856 - 1950). Dramaturgo, crítico e escritor inglês.

¹¹ BACH, Richard (1936 -). Escritor americano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. A Alegria de Ensinar. ARS POETICA EDITORA LTDA, 1994.

CARNEIRO, Moaci. A escola sem paredes. Editora Escrituras, 2002.

GUSDORF, Georges. Professores, para quê? Livraria Moraes Editora, 1967.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Brincar II: brincar e seriedade, 2005.

MALI, Taylor. Um bom professor faz toda diferença. Editora sextante, 2012.

ROBIN, Gilbert. A Educação Nova: contra. Edição <LIVROS DO BRASIL> LISBOA, 1967.

VIVALDI, Flávia. Autoridade e autoritarismo nas relações educativas
<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/982/autoridade-e-autoritarismo-nas-relacoes-educativas>, 2014.

ALVES, Ziraldo. Uma professora muito maluquinha. Editora MELHORAMENTOS, 1995.